

RELAÇÃO AFETIVA PROFESSOR-CRIANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL I EM ESCOLAS ESTADUAIS DO MUNICÍPIO DE TUBARÃO/SC¹

Juliana Vieira de Aguiar²

Mariléia Mendes Goulart³

Resumo: Esta pesquisa tem como tema a afetividade entre professores e crianças no âmbito escolar. Traçamos como objetivo geral: compreender a importância da relação afetiva professor-criança para o desenvolvimento das crianças matriculadas nos quartos e quintos anos do ensino fundamental. Especificamente elencamos como objetivos: identificar os conceitos de afetividade dos professores; relacionar ações que a escola efetiva em relação à afetividade; identificar o que as crianças consideram importante na relação com o professor; analisar situações do cotidiano escolar que permitam estabelecer relação entre afetividade e aprendizagem. Para alcançar as respostas, utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário, que foi aplicado via Google Forms. O método de abordagem caracterizou-se como dialético e a coleta de dados definiu-se como estudo de caso, com análise qualitativa na medida em que coletamos opiniões e percepções das experiências das crianças e dos professores. Como amostra, tivemos a participação de sessenta e sete (67) crianças e doze (12) professores do quarto e quinto ano do ensino fundamental de cinco (5) escolas da rede estadual de ensino, pertencentes a Coordenadoria Regional de Tubarão. Os resultados nos mostraram que tanto para os professores como para as crianças, a afetividade é muito importante para o desenvolvimento cognitivo, social e psíquico.

Palavras-chave: Afetividade. Professor-criança. Escola.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo discorre sobre afetividade na relação professor-criança⁴. No dicionário, a palavra afetividade nos remete para afetivo e, essa, por sua vez, leva-nos a palavra afeto, que define como ter afeição, amizade, amor. Assim, tratar sobre o tema afetividade significa explorar valores humanos relacionados a valores essenciais para a vida em sociedade. A escola é, eminentemente, uma instituição com fins sociais. É na escola que, desde muito cedo, ampliamos os laços de família para um grupo maior de pessoas, entre amigos e professores,

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2020.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: julipepeu@gmail.com.

³ Mestre em Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Professora e coordenadora do Curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. E-mail: marileia.goulart@unisul.br.

⁴ Optamos por utilizar o termo criança em substituição ao conceito aluno, por entender que as crianças são os sujeitos que vivem a infância no ensino fundamental I.

então, podemos entender a relevância da afetividade nesse local de desenvolvimento do ser humano no seu social e no cognitivo.

Acreditar nessa importância da afetividade na relação professor-criança me⁵ acompanha há algum tempo. Com os filhos em idade escolar, ensino fundamental, comecei a me interessar pelo tema, pois percebia que traziam da escola para casa diferentes emoções, dependendo de como relacionavam-se com o professor. Ao perceber meus filhos, minhas memórias do ensino fundamental despertavam minhas lembranças e, muitas vezes, faziam-me querer entender como alguns professores tinham uma relação de afetividade com suas crianças tão evidente e, com outros, isso não acontecia, e, desta forma, perguntava-me: essas diferentes relações entre professor e crianças podem influenciar na aprendizagem delas?

Após meu ingresso na universidade, como acadêmica do Curso de Pedagogia, uma professora solicitou que escrevêssemos um memorial sobre nossa alfabetização. Foi naquele momento que percebi que as nossas lembranças estavam sempre ligadas ao professor. Lembrei de momentos bons e ruins de minha alfabetização, não lembrei os nomes de todas as professoras. Naquele momento, consegui lembrar apenas daquelas professoras que demonstravam carinho e atenção. Não quero afirmar que as outras professoras não sentiam afeição por suas crianças, mas que, talvez, tivessem dificuldades para demonstrar. De toda forma, isso me fez pensar ainda mais no tema e me questioneei: será que a afetividade foi responsável pelas lembranças que vieram mais fácil? Será que ela, também, ajudou-me no desenvolvimento da aprendizagem naquele momento?

Partindo dessas inquietações, comecei a ler artigos relacionados ao tema e percebi que existem poucas pesquisas a esse respeito, mas algumas que aparecem trazem sobre a relação professor e estudante na graduação. Em sites como Scielo, poucos artigos mencionam esse tema. Entre 2010 e 2020, encontrei apenas quatro que dissertam sobre e que, de alguma forma, ajudam nessas minhas inquietações.

Sendo assim, tivemos as seguintes problematizações: Como acontece a relação afetiva entre professor e criança no ensino fundamental I? O que o professor entende por afetividade entre ele e a criança? O que a criança espera do professor em relação à afetividade? O que a afetividade ajuda no desenvolvimento da criança?

Estabelecemos como objetivo geral, compreender a importância da relação afetiva professor-criança para o desenvolvimento das crianças matriculadas nos quartos e quintos anos do ensino fundamental.

⁵ Utilizamos a primeira pessoa do singular quando o que estava no texto dizia respeito apenas à pesquisadora.

Como objetivos específicos, tivemos: identificar os conceitos de afetividade dos professores; relacionar ações que a escola efetiva em relação à afetividade; identificar o que as crianças consideram importante na relação com o professor; analisar situações do cotidiano escolar que permitam estabelecer relação entre afetividade e aprendizagem.

O método de abordagem desta pesquisa, de acordo com o seu planejamento geral, caracterizamos como dialético, pois pretende descrever e refletir acerca da realidade pesquisada. Considerando os seus objetivos, tratamos como uma pesquisa exploratória, visto que busca maior familiaridade com o tema pesquisado. A proposta planejada para a coleta de dados define esta pesquisa como estudo de caso. Quanto à análise dos dados, caracterizamos a pesquisa como qualitativa na medida em que coleta opiniões e percepções a partir das experiências das crianças e dos professores. Como amostra, definimos crianças e professores do quarto e quinto ano do ensino fundamental.

A coleta, a princípio, seria feita em uma escola da rede pública estadual da cidade de Tubarão/SC onde fui bolsista do Programa Residência Pedagógica, contudo, em função da pandemia e do fechamento das escolas, tivemos de modificar o processo de coleta. Assim, o questionário foi realizado remotamente, por meio de questões feitas pelo Google Forms. Fizemos contato com a Coordenadoria Regional de Educação de Tubarão, SC, apresentamos uma carta solicitando a participação na pesquisa e os objetivos da mesma. A mediação da pesquisa com as escolas foi feita pela Assistente Técnico Pedagógica, Kátia Michels, que atua no Setor do Ensino. Ela fez contato com as escolas e enviou o link das questões para os diretores e estes mobilizaram os professores e as crianças.

Desse modo, recebemos como devolutiva sessenta e sete (67) respostas de crianças e doze (12) de professores.

Os dados coletados foram organizados, sintetizados e analisados à luz da revisão teórica.

2 CONCEITOS E REFLEXÕES SOBRE AFETIVIDADE

Segundo o dicionário Luft (2010, p. 37), “afetividade é a “qualidade de afetiv[o], sentiment[o]; afeição profunda, o objeto dessa afeição, zelo, cuidado. A palavra afeto vem do latim affectur (afetar, tocar)”. De acordo com o dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, (1998, p. 53),

Feição é usado filosoficamente em sua maior extensão e generalidade, porquanto designa todo estado, condição ou qualidade que consiste em sofrer uma ação sendo influenciado ou modificado por ela. Afetividade designa o conjunto de atos como

bondade, inclinação bondade, inclinação, devoção, proteção, apego, gratidão, em resumo, pode ser caracterizada sob a preocupação de uma pessoa por outra, por outra, tendo apreço por ela, cuidando dela, assim, e a mesma corresponde positivamente aos cuidados ou a preocupação.

Ao fazermos uma breve análise das concepções filosóficas sobre o afeto, podemos dizer que elas permanecem vivas até os dias atuais, sobretudo, remetendo à racionalidade, ou apresentando uma dualidade ao homem, como se hora fôssemos sentimento e hora raciocínio. Cotidianamente, ouvimos: ‘Não aja com o coração’, ‘seja mais racional’, entre outras. Nesse contexto, parece-nos que para resolver os conflitos cotidianos, é necessário desvincular dos próprios sentimentos e emoções, controlando ou anulando a dimensão afetiva.

A afetividade é constituição humana e desempenha papel fundamental no desenvolvimento intelectual e nas relações sociais dos sujeitos. O psicólogo e médico Henri Wallon (1879-1962) se dedicou ao estudo da dimensão afetiva das crianças. Procurou compreendê-las como um fenômeno psíquico e social, atribuindo-lhes um papel central na evolução da consciência.

Compreendemos que a afetividade está relacionada aos diversos sentimentos e emoções dos homens. Ela é um agrupamento de sensações e sentimentos onde se desencadeiam as emoções, sejam elas positivas ou não. O amor e a alegria podem ser manifestações de emoções positivas, enquanto o medo e a raiva podem ser reações negativas. Esses aspectos dependem muito do modo como as relações se estabelecem nos grupos com os quais convivem.

Em relação ao tema, na contemporaneidade, um dos autores que mais trouxeram contribuições foi Henri Wallon, seus estudos sustentam a importância da afetividade na vida da criança. O autor afirma que a expressão emocional, o comportamento e a aprendizagem do ser humano são interdependentes.

Buscando compreender o psiquismo humano, Wallon volta sua atenção para a criança, pois através dela é possível ter acesso à gênese dos processos psíquicos. De uma perspectiva abrangente e global, investiga a criança nos vários campos de sua atividade e nos vários momentos de sua evolução psíquica. Enfoca o desenvolvimento em seus domínios afetivo, cognitivo e motor, procurando mostrar quais são, nas diferentes etapas, os vínculos entre cada campo e suas implicações com o todo representado pela personalidade. (GALVÃO, 2005, p. 22).

Nesse aspecto Wallon, propõe que a atividade infantil se dá de um modo articulado, ou seja, afetividade, motricidade e inteligência compõem o desenvolvimento do homem que é geneticamente social. Assim, indica que a criança precisa ser vista de forma contextualizada nas suas relações com o meio.

Podemos definir o projeto teórico de Wallon como a elaboração de uma psicogênese da pessoa completa e, com isso, demarca a importância do papel da afetividade na vida psíquica e no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que esse processo não se dá fora da vida dos sujeitos. Na base de sua teoria há uma integração afetivo-cognitivo-motora, o que possibilita uma redefinição no papel de afetividade na vida psíquica e como esta interfere no processo ensino-aprendizagem.

Na área educacional, mais precisamente nas escolas, lugar das interações sociais, pelo fato de conjugar muitas pessoas num mesmo lugar ao mesmo tempo, numa convivência cotidiana, historicamente, a trajetória tem se repetido. O processo de ensino e aprendizagem, na maioria das vezes, se dá numa lógica dual, ou seja, dividindo os sujeitos em duas metades: a cognitiva e a afetiva.

Vimos, de acordo com as concepções de afetividade descritas anteriormente, que a afetividade é uma temática histórica, mas que é preciso pensar em um novo sentido para ela na educação escolar, para que, assim, possamos mudar essa dualidade cognitivo e afetivo e que a relação traga um maior interesse dos estudantes para com o conteúdo.

2.1. AFETIVIDADE E A FUNÇÃO DA ESCOLA: CONCEITOS E REFLEXÕES

Sendo a escola o lugar do encontro entre várias gerações, não há como pensá-la de modo dissociado daquilo que torna o homem humano, as relações sociais, as interações e os sentidos que estes dão as suas ações. É nesse sentido que trazemos os conceitos de afeto para esse contexto.

Uma educação escolar que tenha como foco o ensino e a aprendizagem, também, deve trabalhar o afeto, não como complemento, mas como uma das finalidades do processo educativo, visto que entre os objetivos da educação está a formação da pessoa. Contudo isto não pode ser reduzido ao acúmulo de conteúdo, perpassando, outrossim, os laços de afeto.

Todo relacionamento se baseia na afetividade. Quem afeta é, também, de alguma forma afetado. As emoções permeiam toda a vida dos seres humanos e as marcas deixadas pelo professor na criança são profundas. Quem não se lembra daquela professora carinhosa, ou daquela autoritária que lhe causara algum constrangimento ou medo diante dos colegas durante a vida escolar? É através de indagações e reflexões como estas que o estudo sobre as emoções vem à tona dentro da sala de aula.

A afetividade, no campo educativo, é vista como vínculo, laço que une professor e criança, uma contribuição para romper limites e promover a aprendizagem. Sendo a criança um

ser dotado de afetividade e o professor consciente do seu papel como mediador da aprendizagem, precisa olhar e ouvir os apelos da criança e ter o cuidado para não a afetar, negativamente, mas positivamente.

A escola é o primeiro lugar de relações sociais fora do grupo familiar, ela representa o centro da aprendizagem, mas também das relações e, assim, esperamos que ela ofereça condições necessárias para que as crianças se sintam seguras, protegidas e amadas. Desse modo, é primordial que haja relações interpessoais a fim de que a criança se desenvolva de forma saudável, física e psicologicamente. Além disso, é indispensável que exista por parte do grupo de profissionais da escola atitudes positivas em relação aos estudantes, como aceitação e apoio, de forma que venha a garantir o objetivo da aprendizagem.

A criança tem a necessidade natural de se sentir amada, ouvida, acolhida e aceita, e, no ambiente escolar, é o professor que desempenha esse papel de acolhedor e encaminha a criança no caminho da motivação. A dedicação desse profissional repercute na sua preocupação com as vontades e os gostos das crianças, que vai mudando de acordo com o crescimento e o desenvolvimento de cada uma, desse modo, ajudando ou não na sua aprendizagem.

Podemos falar que a infância é o período onde a criança se adapta gradativamente ao seu meio social, físico e psicológico. E, assim, é nesse espaço que ocorrem muitos dos acontecimentos importantes na vida das crianças, é onde ela conhece pessoas diferentes, que possuem atos e pensamentos diferentes dos seus. Para Lima (2004, p.1),

A escola é um espaço de multiplicidades, onde diferentes valores, experiências, concepções, culturas, crenças e relações sociais se misturam e fazem do cotidiano escolar uma rica e complexa estrutura de conhecimentos e de sujeitos. Essa rica heterogeneidade que permeia a escola acaba por se confrontar com uma estrutura pedagógica que está baseada num padrão de homem e de sociedade, que considera a diferença de forma negativa, gerando assim uma pedagogia excludente.

A criança, ao entrar na escola, inicia uma nova experiência, para ela, é um mundo novo e cheio de descobertas a se abrir. Psicologicamente, há uma necessidade de aceitação muito grande, visto que a criança deixa a família para ingressar num novo mundo social onde tudo é novo, e é nesse momento que também acontece muitos conflitos, interiores e exteriores, e a afetividade que o professor demonstra ou deixa de demonstrar pode ser o ponto chave da resolução desses conflitos.

Quando percebe o carinho da professora, seguido de qualidades tais como paciência, dedicação e interesse, a criança se sente motivada e, conseqüentemente, a aprendizagem e as relações tornam-se mais motivadoras. Por isso, o professor deve se empenhar em perceber as

necessidades da criança, aproveitando ao máximo suas capacidades e trabalhá-las de forma a voltá-las para o ensino.

Não há como negar que a afetividade está intimamente ligada à aprendizagem nas relações que o indivíduo mantém consigo mesmo e com o outro. Segundo Wallon (2007 p. 10), a emoção é fator preponderante no ambiente escolar. A construção do “eu” em sua teoria depende essencialmente do outro. A partir desta concepção, o lúdico surge como um instrumento que proporciona a integração da criança com a sensibilidade.

Certamente, uma criança que tem uma visão negativa de si mesma, sentindo-se incapaz de lidar com o novo no contexto escolar, terá mais dificuldade de relacionar-se, influenciando diretamente na sua capacidade de aprender, e é assim que podemos perceber a importância da afetividade na relação escola/criança. E é por isso que o professor precisa conhecer a sua criança, criando um ambiente propício para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de forma significativa e agradável para ambos.

Através das leituras, percebemos que um dos grandes motivos que dificulta essa afetividade na relação professor/criança é, de certa forma, o autoritarismo. Estudos de Andrade (1990) atestam que os professores excessivamente autoritários buscam, frequentemente, por todos os meios, impor o seu poder:

Presenciamos cenas em que a professora batia nos braços dos alunos usando régua. Vimos alunos serem colocados de castigo, na frente da sala, de costas para os colegas. Observamos alunos ficarem sem recreio, ou permanecerem depois do término do horário também como castigo. (ANDRADE, 1990, p. 10).

Assim sendo, o autoritarismo, a rispidez e a falta de interesse do educador podem levar a criança a perder a motivação e o interesse pela aprendizagem, além de prejudicar, a longo prazo, o aprendizado, pois a criança desmotivada irá sempre relacionar o professor à determinada matéria, perdendo totalmente o interesse por ela. O professor deve ter a sensibilidade de entender as necessidades e respeitar a singularidade do educando.

A afetividade precisa ser mais discutida entre os profissionais, é preciso entender a sua importância para o desenvolvimento de cada criança (estudante), e que, principalmente, entre professor/criança ela, muitas vezes, é mais importante para a aprendizagem e desenvolvimento do que o próprio cognitivo, ou melhor, precisamos entender que trabalhar os dois juntos é a melhor solução.

2.2. AFETIVIDADE E SUA RELAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM.

Os sistemas de ensino e as escolas têm como premissa adotar ações educativas e pedagógicas que tenham princípios éticos, políticos e estéticos. Esses princípios são apontados em documentos legais, tais como Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases para a Educação (9394/96) e nas Resoluções que tratam das Diretrizes Curriculares para a Educação Básica, mas são vivenciados de fato nos cotidianos escolares. Os princípios éticos supõem a dignidade de toda pessoa, os políticos tratam dos direitos e dos deveres de cidadania e a promoção do bem comum, enquanto os estéticos, constituem-se no cultivo da sensibilidade [...]

No entendimento que os estudantes são seres imbuídos de uma história e ao adentrarem à escola trazem consigo os sentimentos que os constitui, os documentos legais garantem em seus textos tais assuntos para que não haja fragmentação no momento de ensinar, entre o sujeito e os seus aspectos sociais e cognitivos. Assim, a Resolução Nº 4, de 13 de julho de 2010 que define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, no Art. 6º, apresenta:

Na Educação Básica, é necessário considerar as dimensões do educar e do cuidar, em sua inseparabilidade, buscando recuperar, para a função social desse nível da educação, a sua centralidade, que é o educando, pessoa em formação na sua essência humana.

Ao considerar o educar e o cuidar de modo indissociável, as legislações preveem uma educação integral, logo, no desempenho das suas funções, cabe à escola acolher diferentes grupos sociais e etários e mobilizar estratégias e recursos que atendam às suas características cognitivas e culturais.

Ainda que a função da escola seja a aprendizagem, a construção do conhecimento, cabe destacar que as relações afetivas são indispensáveis, considerando que o conhecimento se dá nas relações interpessoais, isto é, nas trocas de experiência entre as pessoas.

Almeida (2001) consideram o afeto como agente presente e ativo no processo de aprendizagem, uma vez que há, na escola, a relação pessoa-pessoa tão importante para o desenvolvimento do ser. As autoras consideram, ainda, que entre professor e estudante, muitas vezes, existe uma fragilidade, pois se entende que o conhecimento envolve somente a cognição e, por vezes, ignora-se a afetividade, com isso, as demonstrações de carinho, muitas vezes, são superficiais.

À medida que se desenvolvem cognitivamente, as necessidades afetivas da criança tornam-se mais exigentes. Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança. Conforme a idade da criança, faz-se mister ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem. (ALMEIDA, 2001, p. 198).

Para reafirmar a importância da afetividade, trazemos, também, Freire, importante autor brasileiro em seu livro *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, que fala sobre a importância dos pequenos gestos, palavras e olhares de respeito e de qualificação do professor com os estudantes. “Este saber, o da importância [dos] gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre o que teríamos que refletir seriamente” (FREIRE, 1996, p. 148). Um pequeno gesto pode significar um elemento potente para a formação do estudante.

As crianças precisam estar preparadas para aprender e os professores para ensinar. É nesse aspecto que o ambiente tem de ser marcado pela afetividade, tendo convivências e relações amorosas. Num universo deste tipo, o professor poderá trabalhar de forma que o aluno não se sinta oprimido (FREIRE, 2005, p. 27), o que é muito bom, visto que a opressão é um dos fatores que interferem negativamente no aprendizado, impondo obrigações ao aluno e coibindo o prazer e a motivação de aprender.

Por isso, conforme afirma Freire (2005, p. 18), o processo de ensino-aprendizagem envolve uma interação sócio afetiva entre um ensinante (aquele que ensina) e um aprendente (aquele que aprende). Esta interação se relaciona tanto com o ambiente sociocultural (primeira referência pela qual a criança se desenvolve com o apoio das pessoas), quanto com o ambiente escolar, social e familiar.

Sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações intensas, uma ligação entre o indivíduo e a aprendizagem. Wallon (2008, p. 73) afirma que

[...] a afetividade constitui um papel fundamental na formação da inteligência, de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo. Atribui-se às emoções um papel primordial na formação da vida psíquica, um elo entre o social e o orgânico.

O aparecimento da afetividade e das emoções acarreta na transformação das emoções em sentimentos. Se a afetividade pode mobilizar aprendizagem e bons relacionamentos, o contrário também pode ser evidenciado. A falta da afetividade, igualmente, pode trazer várias consequências para o momento da aprendizagem. Em nossos tempos não nos causa espanto encontrar notícias e conflitos, xingamentos entre estudante e professor, situações que atrapalham a aprendizagem.

A falta de afetividade pode ser prejudicial, tanto para os professores como para os estudantes. Com base nas considerações, temos que a afetividade confere um caráter social ao processo de ensino-aprendizagem.

Com base nos estudos sobre afetividade, passamos a apresentar os dados coletados com os professores e crianças.

3 UM OLHAR PARA AFETIVIDADE NA ESCOLA: NARRATIVAS DE PROFESSORES E CRIANÇAS

Inicialmente, o projeto previa observações e conversas com as crianças e professores para entender a afetividade nas relações entre elas e com a escola. Contudo, em função do afastamento social devido à pandemia da covid-19, tivemos de modificar o percurso metodológico da pesquisa. Organizamos um questionário que foi enviado pelo Google Forms para professores e crianças dos quartos e quintos anos do ensino fundamental de cinco escolas da coordenadoria regional de educação de Tubarão. A escolha das turmas já estava prevista e das escolas foi de forma aleatória. Recebemos a devolutiva de 67 crianças e 12 professores. Nesse sentido, na sequência, apresentamos as respostas de cada uma das categorias.

3.1. A NARRATIVAS DAS CRIANÇAS

As crianças entrevistadas tinham idade entre 09 e 12 anos, dessas 47% meninas e 53% meninos. Como a coleta precisou ser on-line, tentamos fazer o máximo de pergunta que nos mostrassem o real sentimento das crianças. Foram questões abertas e fechadas.

Assim, trazemos para nossa análise, primeiramente, o foco dessa pesquisa. Perguntamos para as crianças o que significa afetividade. Algumas crianças pesquisaram em dicionários ou computador e, a maioria, remeteu a amar e respeitar uns aos outros. Esses dados ajudam a entender as respostas a seguir.

Para enxergar a relação das crianças com a escola, iniciamos questionando se elas gostavam das escolas e o porquê. Das 67 respostas, apenas 2 crianças disseram que não gostavam da escola.

As respostas foram bastante positivas e fazendo uma análise, apresentamos a incidência de algumas respostas: 25 amigos, 09 professores, 08 estudar e aprender, 07 recreio e brincadeiras. As demais respostas variaram entre, bibliotecas e refeitórios, ensino, atividades e tarefas, diretor e funcionários, educação, bom ensino. Algumas de suas falas:

- _ Gosto da escola porque os professores, diretores e coordenadores nos tratam com carinho. (CRIANÇA 18).
- _ Eu amo a escola e muito legal principalmente os amigos e as professoras elas são legais. (CRIANÇA 3).
- _ Gosto dos professores, de ter meus amigos por perto para concluir atividades e tarefas, brincar, aprender. (CRIANÇA 26).

Verificamos que muitas crianças trazem a importância do aprendizado e que gostam desse momento de aprender, de fazer atividades. Cabe lembrar o que nos diz Almeida e Mahoney (2004a, p. 24), quando afirmam: “É condição propícia à aprendizagem a criança ter espaço suficiente que permita liberdade de movimentação de forma confortável”.

A afetividade é essencial na vida escolar. A maioria das crianças falam que gostam da escola pelos amigos ou professores, e as duas crianças que dizem não gostar, é porque não tiveram tempo de fazer amizades. Podemos perceber como a estrutura da escola é importante, um lugar bonito e bem cuidado traz um sentimento de aconchego.

Para entender os sentimentos das crianças e trazer a sua voz, pedimos que apresentassem os sentimentos que têm em relação à escola, sala de aula e recreio. Esses foram categorizados em sentimentos de alegria, irritação, tristeza, confiança, animação e cansaço. Para isso, pedimos que enumerassem seus sentimentos numa escala de 0 a 10, sendo 10 para o mais importante e 1 para menos importante. Apresentamos, na sequência, os quadros organizados com números e cores para melhor representar a totalidade das respostas.

Na cor verde, consideramos os bons indicativos, amarelo os que merecem atenção e em vermelho os números que apareceram em menor escala, mas que devem ser considerados e, também, estudados.

Quadro 1 - Sentimentos em relação à escola

SENTIMENTOS	10	09	08	07	06	05	04	03	02	01
ALEGRIA	23	14	14	07	02	02	04	00	00	01
IRRITAÇÃO	01	00	00	03	05	08	04	11	12	23
TRISTEZA	01	03	01	03	05	02	03	08	14	27
CONFIANÇA	29	11	10	04	03	06	00	03	01	00
ANIMAÇÃO	26	15	10	07	01	03	03	00	00	02
CANSAÇO	06	02	02	07	06	06	04	08	08	18

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

O quadro nos mostra que a maioria das crianças tem bons sentimentos em relação às escolas. No item alegria, das 67, 58 das respostas ficou entre 07 e 10, sendo que 23 marcou 10. Os números denotam o quanto sentem-se bem nesse lugar. Em relação à tristeza, vemos o mesmo fato, são 52 crianças que marcaram entre os itens 1 e 4. Chamou nossa atenção os sentimentos confiança e animação, que tiveram pontuações ainda mais altas que a alegria, assim, entendemos que nossas escolas estão indo por um bom caminho de afetividade com as crianças. Nesse sentido, os números vão reafirmando nossa premissa de que as crianças gostam desse espaço que é a escola.

É por meio desse laço afetivo que professores e crianças respeitam as ideias e opiniões uns dos outros e passam a entender as diferenças do outro. Isso contribui significativamente para uma boa aprendizagem, pois torna o ambiente mais agradável e mais propício à busca do conhecimento. “A escola é lugar de mediação cultural para a formação cognitiva, afetiva e ética, não somente voltada à aquisição de conhecimentos, mas igualmente ao desenvolvimento de valores humanos, qualificações práticas e críticas.” (SANTA CATARINA, 2014, p. 155).

Entendemos que os sentimentos das crianças são gerados no tempo e no espaço, por isso, questionar sobre o espaço nos ajuda a entender um pouco mais sobre ele. Os sentimentos em relação à sala de aula, por meio do quadro abaixo, percebemos, novamente, que os aspectos positivos são mais altos, porém os números nos revelam “cansaço”. Esse dado nos traz reflexões sobre a metodologia utilizada e a disponibilidade dos materiais. Trazemos para contribuir com os números a fala de uma das crianças: “ficar sentado o tempo inteiro só copiando não é legal”. (CRIANÇA 52).

Quadro 2 - Sentimentos em relação à sala de aula

SENTIMENTOS	10	09	08	07	06	05	04	03	02	01
ALEGRIA	23	14	12	06	02	04	04	01	00	01
IRRITAÇÃO	01	00	01	04	01	08	06	09	11	26
TRISTEZA	00	00	02	02	01	02	03	12	07	38
CONFIANÇA	31	06	12	06	02	05	00	01	02	02
ANIMAÇÃO	23	13	13	04	03	03	05	01	00	02
CANSAÇO	03	04	04	03	05	07	06	09	09	17

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

Outra categoria trazida para nossa análise foi o recreio.

Quadro 3 - Sentimentos em relação ao recreio

SENTIMENTOS	10	09	08	07	06	05	04	03	02	01
ALEGRIA	46	11	02	02	01	04	00	00	00	01
IRRITAÇÃO	00	01	01	04	00	04	06	05	09	37
TRISTEZA	00	02	01	00	03	02	03	05	06	45
CONFIANÇA	22	13	08	08	05	05	01	01	01	03
ANIMAÇÃO	46	08	05	02	00	02	03	00	01	00
CANSAÇO	05	06	02	03	06	10	01	06	04	24

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

No item “cansaço”, novamente, houve alterações. Acreditamos que é porque nesse momento eles extravasam, correm muito e alguns nem param para lanchar. Vemos que a alegria e a animação obtiveram mais de 50% de nota máxima, e que na tristeza as notas baixas quase não tiveram votação.

Quando a afetividade está imbricada nas relações, o desejo para participação é mobilizado e a aprendizagem torna-se uma experiência mais significativa.

Nas questões abertas, questionamos sobre a relação/interação, criança e seus pares e como gostam de ser tratados pelos colegas. Então, 29 crianças trazem o respeito e o carinho como algo principal, 12 falam que gostam de ser tratados com educação, 1 diz que não se importa e as demais variam as respostas entre serem tratados bem e tratados como tratam os outros. “Eu gosto de ser tratada com respeito, porque somos todos iguais.” (CRIANÇA 28). “Com respeito, pois acho que todos devem ser respeitados.” (CRIANÇA 43). “Tratado com respeito, educação, com a união uns aos outros.” (CRIANÇA 21). “Bem, de igual para igual porque somos todos seres humanos.” (CRIANÇA 07).

Perguntamos quais atitudes da professora os deixa mais felizes e mais tristes. O que as deixa felizes apareceu quando a professora conversa com elas, quando diz algo divertido ou fica com elas no recreio. Apresentam, também, as estratégias diferenciadas. Dentre as respostas destacamos:

- _ Quando ela faz trabalho em equipe e atividades diferentes. (CRIANÇA 09).
- _ Quando faz brincadeiras didáticas, porque todos ficam mais animados e com vontade de aprender. (CRIANÇA 16).
- _ Quando ela conversa com a gente ou faz algo diferente para aprender, só ficamos sentada naquela cadeira copiando e respondendo. (CRIANÇA 62).

Sobre a atitude do professor que as deixavam mais tristes, mencionara que é quando elas brigam ou colocam de castigo, quando culpam a sala toda por algo que só um faz, muita matéria para copiar. Uma das crianças apresentou a falta de demonstração de afetividade.

- _ Sim. Acho que ela podia chegar na sala um pouco mais cedo pra conversar com os alunos, saber como foi o dia, o que gostamos de fazer, na minha escola antiga os professores davam abertura pra gente conversar sobre tudo antes das aulas e no final, eles tinham paciência, carinho, eram amigos dos alunos. (CRIANÇA 66).
- _ Quando ela nos deixa sem recreio por causa de algumas pessoas. (CRIANÇA 54).

Vygotski (2003, p. 121) trata como inseparável do processo de construção do conhecimento a afetividade na relação professor e criança, assim, para ele,

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. [...] as reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo. (VYGOTSKI, 2003, p. 121).

Para analisar a afetividade no processo escolar, fizemos questionamos: Qual o professor foi mais marcante na trajetória escolar.

Sobre ter lembranças das professoras, 5 crianças não lembravam ou não deram nomes; 3 crianças falaram do professor de educação física e 1 da professora de artes; 7 crianças apenas deram o nome do professor, sem falar o motivo; apenas 1 criança trouxe uma lembrança negativa, que a professora mandava para diretoria e era brava; todas as outras trazem o carinho, a atenção e as aulas divertidas como motivo da lembrança, o que confirma nosso pensamento que a afetividade é um grande marco na vida escolar dessas crianças.

Perguntamos, também, se as suas professoras percebiam e tomavam atitudes quando elas estavam tristes. A maioria conta um momento em que a professora percebeu o momento de tristeza e ajudou. Tem momentos de brigas com colegas, de dificuldade no conteúdo, de problema em casa e, nessas respostas, elas sempre descrevem a professora com carinho. “Um dia eu fui triste para escola e a professora percebeu e me deu um abraço e me fez sorrir fiquei muito alegre.” (CRIANÇA 11). “Sim mas foi no 3 ano, eu lembrei que não sabia escrever texto em uma atividade depois disso não me lembro direito só sei que eu chorei e a professora me ajudou.” (CRIANÇA 20).

Partindo das respostas das crianças, confirmamos o que Wallon (2008,) menciona, ou seja, o aparecimento da afetividade e das emoções acarreta na transformação das emoções em sentimentos:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito meio abrangente no qual se inserem várias manifestações. (WALLON, 2008, p. 61).

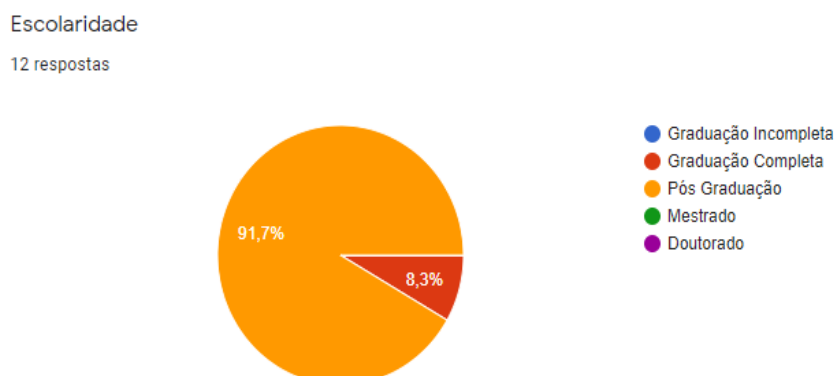
Durante a análise das respostas das crianças, sentimos muito a falta de poder ter feito as perguntas presencialmente, através de entrevistas e observações, como era nosso objetivo antes da pandemia, pensamos que o que queríamos saber com essa pesquisa ficaria ainda mais claro.

3.2 AS NARRATIVAS DAS PROFESSORAS

Na escuta dos professores, primeiramente, realizamos a identificação. Obtivemos respostas de 12 docentes, todos do sexo feminino e suas idades variam entre 20 e 46 anos.

Quanto à formação, 91,7% têm especialização e 8,3% tem graduação completa, conforme o gráfico nos mostra.

Gráfico 1 - Escolaridade



Inicialmente, questionamos o conceito de afetividade. Todos trazem em suas respostas, assim como as crianças, os sentimentos de amor, o carinho e respeito. Algumas das respostas:

- _ Afetividade é um ato de carinho e amor que pode ser transmitido de uma pessoa a outra, através mesmo de um simples aperto de mão. (PROFESSORA 2).
- _ Caráter vivenciados em forma de emoção e sentimentos. (PROFESSORA 12).
- _ É base de um bom convívio. (PROFESSORA 6).
- _ Relacionado a sentimentos, emoções, carinho, atenção. (PROFESSORA 9).

Viver a afetividade nas escolas significa deixar-se afetar pelo outro, pelas crianças, para que elas saibam que realmente nos importamos com elas. Para isso, é necessário olhar com atenção, escutá-las, registrar seus movimentos e observar as suas ações. É fundamental que elas sintam o nosso acompanhamento, as nossas preocupações com suas individualidades.

Na sequência, questionamos se a afetividade é importante para que haja aprendizagem. As 12 professoras acreditam nessa importância e costumam fazer da afetividade com suas crianças uma aliada ao aprendizado. Uma das professoras nos diz: “Sim. É necessário que haja uma relação de proximidade entre professor e aluno, para que o, mesmo sinta confiança e segurança e não tenha medo de expor suas dificuldades.” (PROFESSORA 1).

As professoras apresentam que o afeto proporciona uma relação baseada na confiança, no respeito, na admiração e que isso eleva a autoestima e, conseqüentemente, a aprendizagem acontece. A falta de afeto compromete a construção do conhecimento e influi no emocional da criança. Os pais e os professores devem levar em conta a dimensão afetiva durante a aprendizagem e cuidarem da criança como um todo.

Conforme lembra Dantas (1990, p. 3): "sua teoria integra razão e emoção; sua vida, reflexão à conduta". A relação entre a personalidade e a emoção é fundamental para o

desenvolvimento psicomotor, assim, o papel da emoção é muito importante no desenvolvimento infantil.

A escola é local de relações complexas, porque é o encontro de muitas crianças, adultos, com vivências diferentes. Assim, questionamos: Na sua visão, cabe à escola ajudar nos problemas existenciais dos estudantes, quer seja por problemas emocionais ou sociais? De que modo podemos proceder como instituição?

Todas as professoras mostram preocupação com a vida pessoal de suas crianças. Elas dizem que pela complexidade dos fatos, precisam de apoio da gestão escolar. Apresentam a parceria e o diálogo com a família como imprescindível para resolver situações emocionais e afetivas. Apresentamos algumas das respostas:

_ Sim. Acredito que criando uma proximidade tanto com os estudantes como com seus familiares. Estreitando essa linha casa e escola, gerando confiança e respeito mútuo. (PROFESSORA 3).

_ A escola precisa mostrar que se importa com o aluno em seu aspecto geral, seja no âmbito social ou emocional. (PROFESSORA 11).

_ Sim, devemos ajudar porque a escola pode ser o único ponto de apoio da criança. Ouvindo-as, pois muitas vezes querem expressar seus sentimentos e angústias e nós somos essa referência para muitos deles. (PROFESSORA 5).

Ainda, questionamos de que modo resolvem os conflitos ou problemas emocionais. Pelas respostas todas mostram um olhar atento à individualidade de cada estudante e nos dizem que o diálogo é uma das melhores alternativas para resolver um problema.

_ Chamo individualmente para conversar. Procuo estabelecer vínculos para que acreditem e confiem em mim como pessoa e não somente como professora. (PROFESSORA 7).

Sim. Com diálogo, muitas vezes precisam de uma conversa, de apoio, de se sentirem especiais. Procuo demonstrar que podem contar comigo para que juntos possamos solucionar os conflitos. (PROFESSORA 4).

_ Sim, pois toda a ação tem um motivo e nada mais justo tentar entender e se possível ajudar. (PROFESSORA 8).

À luz da teoria de Wallon, Almeida (2004b, p. 126) nos diz:

Como tudo que ocorre com a pessoa tem um lastro afetivo, e a afetividade tem em sua base a emoção que é corpórea, concreta, visível, contagiosa, o professor pode ler o seu aluno: o olhar, a tonicidade, o cansaço, a atenção, o interesse, são indicadores do andamento do processo de ensino que está oferecendo.

Nossos estudos e escutas nos mostram o que autores e estudiosos têm afirmado. A escola é o lugar onde ocorre mobilização daquilo que efetivamente torna o homem mais humano,

porque ele se hominiza nas relações e elas se dão em grande número nessas instituições. As respostas das crianças e professoras corroboram para essa afirmativa.

Acreditamos que essa humanização passa, também, pela afetividade e pelas emoções. É na escola que experimentamos com mais intensidade o campo das relações afetivas, porque é onde as crianças e adultos aprendem, brincam, aproximam-se, estabelecem vínculos e se relacionam uns com os outros.

Ao final de toda análise, fica um sentimento de querer ainda mais, de investigar mais essa afetividade na relação professor-criança, de modo presencial, como já falado anteriormente, que traga o dia a dia da escola como respostas para o problema. Muitas vezes, responder um questionário é mais fácil, pois fica-se muito na teoria e o que mais desejamos era saber como é vivenciado a afetividade na prática escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo nos trouxe mais inquietações do que respostas, uma vez que, como mencionamos inicialmente, nosso propósito era a observação ‘in loco’ e o diálogo presencial e não foi possível realizá-lo como previsto. As observações e conversas, talvez, poderiam nos apontar outras direções.

Contudo, apesar do tempo do afastamento, a proposição da pesquisa pelo Google Forms ampliou a possibilidade de escutas e pudemos transitar em 5 escolas. Tivemos a devolutiva de 12 professoras e 67 crianças. Nesse sentido, entendemos que o objetivo de compreender a importância da relação afetiva entre professor e criança foi amplamente alcançado.

Nas devolutivas de crianças e professoras, foi possível perceber que os conceitos de afetividade entre esses dois sujeitos são bastante parecidos e remontam a amor e respeito mútuo.

Ao analisar as respostas das professoras, vimos que todas consideram a afetividade uma aliada para a aprendizagem de suas crianças, e que problemas emocionais dentro e fora da escola podem ser causadores de uma baixa aprendizagem. Elas mencionam, ainda, que a parceria para resolver situações emocionais mais complexas é essencial, assim, família e gestão escolar devem ser consideradas nessa relação de busca afetiva.

As crianças apontaram-nos a importância da afetividade na escola. Mostraram, por meio dos números, seus sentimentos, o quanto sentem alegria, animação e como o brincar e ser bem tratado é importante para serem melhores e mais felizes.

O contato com colegas, professores e demais funcionários da escola, para essas crianças, é algo que faz desse lugar um pouco seu lar, tanto que 97% das crianças dizem adorar estar na escola, pois é lá que brincam, divertem-se com os amigos e, ainda, aprendem.

Esse estudo não se esgota aqui, ele é apenas o contato inicial para aprofundar estudos na área. Nesse momento, foi possível enxergar que a escola é parte do mundo e constituinte da formação humana, é lugar em que a afetividade se torna bastante latente e importante. Ao sentir-se querida e cuidada, as crianças aprendem mais, melhor e se tornam seres mais saudáveis.

Sugerimos que tanto as formações iniciais quanto as continuadas incluam em seus currículos a temática afetividade, com isso, professores compreenderão o desenvolvimento e aprendizagem de modo mais global e haverá, conseqüentemente, repercussão nos cotidianos escolares, uma vez que constatamos nas buscas poucas produções na área.

Como estamos em meio a pandemia e todas as escolas estão trabalhando virtualmente, finalizamos o desejo expresso de voltar com essa pesquisa, quem sabe em um curso de pós-graduação.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. 21. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. São Paulo: Papirus, 2001.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004a.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2004b.

ANDRADE, Antônio dos Santos. Condições de vida, potencial cognitivo e escola: um estudo etnográfico sobre alunos repetentes da 1ª série do 1º grau. **Cadernos de Pesquisa**, (73), p.26-37, 1990. Disponível em: https://social.stoa.usp.br/articles/0015/4068/estudo_etnografico_cotidiano_escola.pdf. Acesso em: 12 mai. 2020.

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 4, DE 13 DE JULHO DE 2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf. Acesso em: 10 mai. 2020.

DANTAS, Heloysa. **A infância da razão**. São Paulo: Editora Manole, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIMA, C. A. F. **A Relação Afetividade-Aprendizagem no Cotidiano da Sala de Aula**: Enfocando Situações de Conflito. GT: Educação Fundamental /n.13, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/t132.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2020.

LUFT, Celso. Minidicionário Luft. São Paulo: Editora Ática, 2010.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica**. Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. Florianópolis, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.

WALLON, H. **Afetividade e aprendizagem**: Contribuições de Henry Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora e coordenadora do Curso de Pedagogia, Mariléia Mendes Goulart, que mesmo no meio de uma pandemia, entendeu a minha condição e esteve pronta para me atender a qualquer momento, demonstrando o carinho e o respeito que eu precisava.

Agradeço a todos os professores do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNISUL que, nestes 5 anos, passaram-me muitos conhecimentos, os quais serão essenciais para minha profissão.

Agradeço as minhas meninas, as “pedagolindas”, que transformaram esses momentos juntas em algo leve e que me receberam de braços abertos, mesmo eu não sendo mais uma menina como a maioria delas. Deram-me todo apoio durante a minha gravidez, o qual foi essencial para minha permanência na universidade. Dentre essas meninas, agradeço minha irmã Fabiana, minha dupla, parceira de universidade e de vida.

E, em especial, agradeço a minha família, que me apoiou desde o início. Ao meu marido e filhos que abriram mão do pouco do meu tempo com eles para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Aos meus pais e minha sogra, que se dispuseram a me ajudar a qualquer momento.

Aos meus irmãos, que ficavam alegres com minhas conquistas. E agradeço a Deus, por ter me dado força para continuar, mesmo nos momentos mais difíceis.